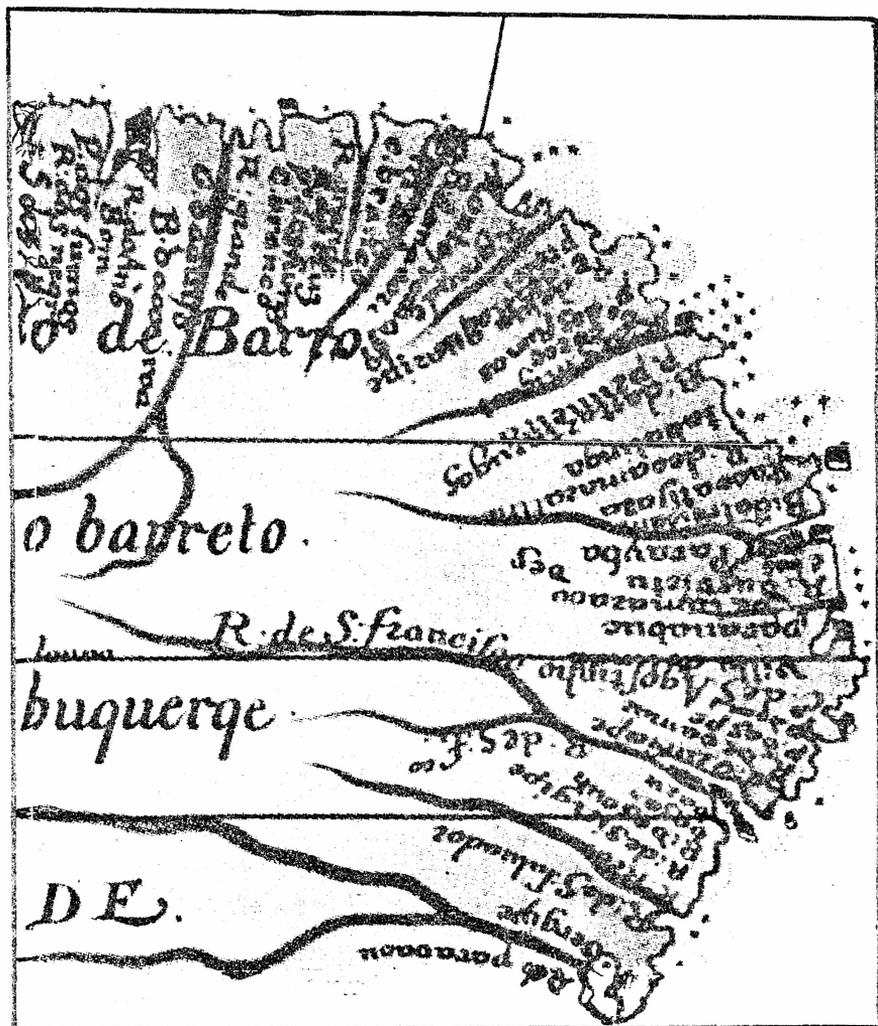


FRANCISCO FERNANDES MARINHO



PRAIA DA PIPA

**NA CARTOGRAFIA NORTE-RIO-GRANDENSE
NOS SÉCULOS XVI E XVII**

FRANCISCO FERNANDES MARINHO

PRAIA DA PIPA
NA CARTOGRAFIA NORTE-RIO-GRANDENSE
NOS SÉCULOS XVI E XVII



PRAIA DA PIPA/RN
1997

Capa: Detalhe do Mapa "Capitanias Hereditárias", 1574.

Autor: Luís Teixeira.

(Biblioteca da Ajuda/Portugal)

Apoio:

- 1. Fundação "Antônio José Marinho"**
- 2. Biblioteca "Maria Fidelis da Costa"**
- 3. Pousada "Itacoatiara"**

Endereço:

Avenida Baía dos Golfinhos, s/n

Praia da Pipa.

59178-000 - Tibau do Sul/RN

Fones: (084) 981 7228 - 206 7195.

PRAIA DA PIPA NA CARTOGRAFIA NORTE-RIOGRANDENSE DOS SÉCULOS XVI E XVII

No século XVI, os historiadores relatam poucos acontecimentos referentes à história das terras do Rio Grande. Todos são unânimes em citar a concessão das cem léguas que tiveram início na Baía da Traição (Acajutiberá = cajú amargo), limitando-se com as terras cedidas a Pero Lopes de Sousa, “dai para diante, o resto da atual Paraíba e Rio Grande do Norte, coube a João de Barros e a Aires da Cunha, de parceria; contando-se-lhes cem léguas além da baía da Traição”¹ doadas, em 08.03.1535, como Capitania Hereditária, por D. João III, o Colonizador, o Piedoso (1502-1557), da Dinastia de Avis, que reinou como o XV Rei de Portugal, de 1521 a 1557.

Mas, antes do descobrimento oficial do Brasil por Pedro Álvares Cabral, em 1500, as terras do atual Estado do Rio Grande do Norte já eram conhecidas pelos espanhóis, através das expedições de Afonso de Hojeda, no ano de 1499, de Vicente Yañez Pinzon e de Diogo Rodrigues (Diogo de Lepe), no início do século XVI.

Em fins de 1499, Hojeda, acompanhado por Américo Vespúcio, pelo cartógrafo Juan de La Cosa, “mestre de cartas de marear”², e sua tripulação, “se encontrara com terra, proximadamente na latitude de cinco graus ao sul da equinocial; a qual terra era baixa, alagada e de vários esteiros e braços de rios. Não pode ter sido outra senão a do delta do Açu, na atual província do Rio Grande do Norte”³. Vespúcio afirma que, na sua segunda viagem, em virtude das “copiosas águas fluviais”, não conseguiram desembarcar, “mas por esses rios adiante vimos muitos sinais de ser a região habitada”⁴.

Diogo de Lepe, logo depois, chegava à região, tanto que o Planisfério de La Cosa, do início de outubro de 1500, já registrava o contorno e acidentes topográficos considerados norte-rio-grandenses, como a Foz do Rio Açu, a Ponta do Tubarão, o Morro de Tibau.

¹ Varnhagen, *História Geral do Brasil*, p. 143.

² Pompeu Sobrinho, *Proto-História Cearense*, p. 63.

³ Varnhagen, *op. cit.*, p. 73.

⁴ Vespúcio, in Cascudo, *História do Rio Grande do Norte*, p. 29.

Vicente Yañez Pinzón, em 26 de janeiro de 1500, antecedeu a Cabral ao tocar a Ponta do Calcanhar, como afirma o Barão do Rio Branco, pois, logo após a sua viagem com Cristóvão Colombo, comandando a nau “Santa Maria”, na jornada do descobrimento da América, em 03.10.1492, conseguiu da Casa de Contratación “una Capitulación” para descobrir, zarpando de Palos em princípios de dezembro de 1499. A esquadra composta pelas embarcações “Frayle”, “Pinta”, “Niña” e “La Gorda”, e tendo como tripulação Vicente Yañez Pinzón, capitão chefe, os sobrinhos Arias Perez Pinzón e Diogo Fernandez, e Antón Hernandez Colmenero, capitães, Juan de Quintero, Juan de Úmbria e Juan de Xerez, pilotos, Garcia Hernandez, fisico-médico, subalternos e quatro escrivães régios, conforme relação das “Probanzas del Fiscal y del Almirante” (1508/1527), alcançou, no dia 02.02.1500, um cabo no continente sul-americano, o qual denominou “Santa Maria de la Consolación”.

Logo após a expedição de Pinzón, Diogo de Lepe zarpou do Rio de Saltes, com duas caravelas, como capitão e comandando cinquenta ou sessenta tripulantes. A expedição encontrou terra no trecho ocidental do litoral do Rio Grande do Norte, a leste do “Cabo de Santa Maria de la Consolación”. Afirma Castelo Branco que “nesse traçado, o cartógrafo deu apelido a cinco acidentes topográficos considerados norte-rio-grandenses, do ocidente para o oriente: 1) “montas arenosas”; 2) “r. de baziabariles”; 3) “plaiã de arena”; 4) “p. fermosa” 5) “R. S.”. O primeiro acidente topográfico corresponde ao morro do Tibau e outros a leste; o segundo, à foz do Açú; o terceiro, à ponta do Tubarão; o quarto à ponta de Três Irmãos e o último, talvez seja o “rio S. Julian” a que se referem os tripulantes da expedição das célebres “Probanzas”⁵.

Deste ciclo de navegação ou expedição, não resta dúvida de que os primeiros a conhecer, a freqüentar esta parte do território brasileiro e a manter os contatos efetivos com os seus habitantes, foram os espanhóis, como também foram eles os descobridores do “Mar Dulce” ou Amazonas e do Maranhão.

Sobre a precedência espanhola ao alvorecer da História do Brasil, afirma Tarcísio Medeiros que existem provas irrefutáveis encontradas em documentos coevos nos arquivos de Espanha, Itália e mesmo Portugal, escondidos por séculos, consequência do sigilo que no tempo era exigido tudo que envolvia “rotas, mapas e questões outras sobre as descobertas”⁶.

⁵ Cf. Castelo Branco, O Rio Grande do Norte na Cartografia do século XVI, in Rev. do IHGRN, vols. XLV-XLVII, de 1948 a 1950. Págs. 21/50.

⁶ Medeiros. Proto-História do Rio Grande do Norte. p. 164.

Segundo Castelo Branco, de 1505 a 1515, deve ter havido várias explorações portuguesas no Nordeste Brasileiro, para que se possa explicar as novas denominações introduzidas nas cartas geográficas dos Reinel, pai e filho, cerca de 1516, os quais trabalharam juntos em Lisboa até 1519.⁷ Os Reinel, Pedro e Jorge, desenharam dois mapas que foram publicados um em Paris e o outro na Itália, com dados geográficos colhidos nas explorações feitas entre 1505 e 1515. Com referência ao litoral do Rio Grande, registraram “as serras” ou “as serras Sam Miguel”, “R. de Sam Myguel”; “baía das Tarrugas”, ou “baía das Tartarugas”, a “ponta P'mra” ou “ponta Primeira”; “Sam Roque”; “C. do Pracer”; “Oratapipy”, por Reinel pai e “Ora tapia”, por Reinel filho, “Ora pinhon” e “baía de Piticiacua ou de Treycam” ou “baía de Treiçam”. Após fazer uma correspondência com os topônimos já existentes, Castelo Branco concluiu que “Oratapipy” e “Ora tapia” surgem pela primeira vez, sendo tidas como a atual “Ponta da Pipa”, vindo em seguida “Ora pinhon” considerada a expressão como designativo da ponta de Bacopari.⁸

Na coleção de mapas conhecida como “Atlas de Miller”, existente na Biblioteca Nacional de Paris, encontra-se o mapa denominado “Terra Brasilis” feito a mão sobre pergaminho, atribuído a Lopo Homem, que o desenhou por volta de 1519. Constam 146 topônimos da costa brasileira, desde o Maranhão até a embocadura do Rio do Prata e com relação às terras de Praia da Pipa, o autor parece ter copiado os Reinel, repetindo o topônimo “Oratapipy”.

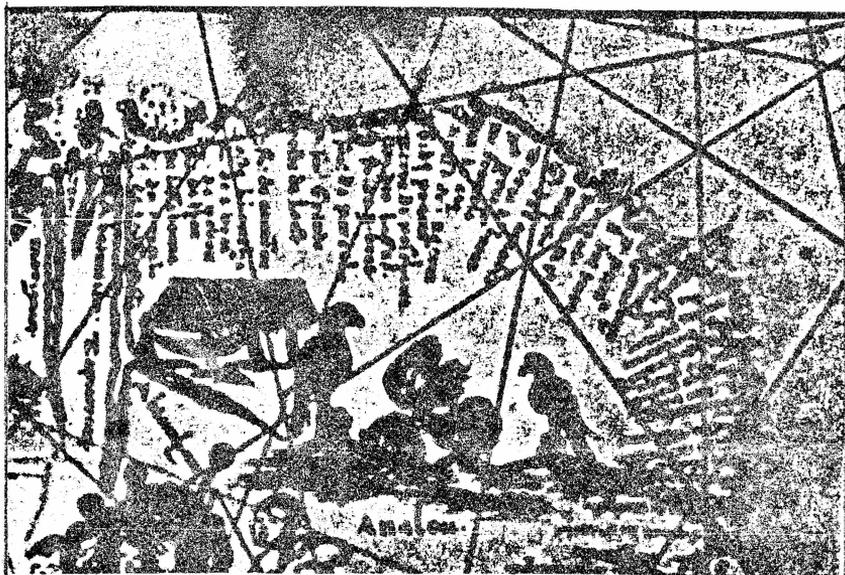
Jean Rotz, em 1542, registrou “R. S. Miguel”, “Q. de S. Roque”, onde a costa muda de direção, pelo que deve estar no lugar do Calcanhar; “C. Parcel”, no lugar daquele; e “Oratapic”, recordando a “Oratapipy” de Reinel. Enquanto Descaliers, em 1550, assinalou “Serra de S. Miguel”, “P. das Tartarugas”, a “p. Prima”, “grande baya”, “Parcel”, “Rock”, “c. du Parcel”, “Oracapica”, que devem corresponder à Serra do Apodi, enseada do Açú, ponta do Tubarão, enseada de Aguamaré, ponta do Calcanhar, costa anterior ao cabo de S. Roque, este cabo e Ponta da Pipa ou de Bacopari, respectivamente⁹. Diogo Homem, em seu primeiro mapa, datado de 1558, repetiu o topônimo “Oratapica” de Jean Rotz e no segundo mapa usou o termo “Orapi”, assinalando, no primeiro: “R. de S. Domingos”, “R. S. Miguel”, “R. das Pedras”, (...) e “Oratapica”, e no segundo mapa a disposição é a seguinte: “b. das Tartarugas”, “P. Primeira”, “b. Aparcelada”, “eira de S. Roque”, “Orapi” e “Oratapica”¹⁰. Gerardus

⁷ Castelo Branco, Op. cit., p. 32.

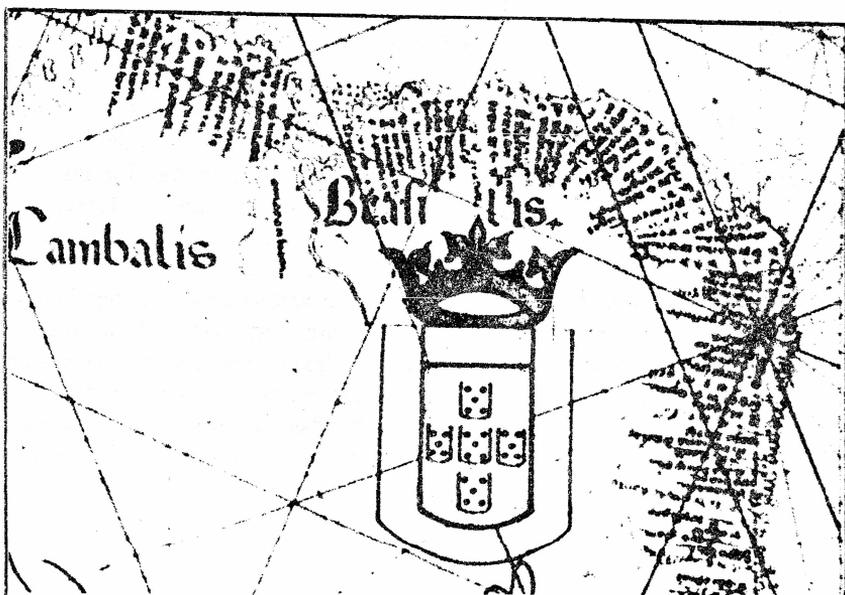
⁸ Idem, idem, p. 34.

⁹ Idem, idem, p. 37.

¹⁰ Idem, idem, idem.



"America Meridional", 1550, de Pierre Desceliers
(Museu Britânico - Londres)



"America do Sul - I", 1558, de Diogo Homem.
(Biblioteca Nacional - Paris)

Mercator ou Cremer, no mapa de 1569, gravou apenas o topônimo “Ora”, como também o fez Abraham Ortelz ou Orтели, entre 1570 e 1584.

O “Mapa do Brasil dividido em Capitânicas”, existente na Biblioteca da Ajuda, organizado talvez em 1574, por Luiz Teixeira, pai do cartógrafo João Teixeira Albernaz, consignou: “C. de S. Roque”, “r. Sua guazine”, “po. dos fumos”, “C. corce”, “R. de S. Miguele”, “P. Primera”, “B. das Tartarugas”, “Tabatinga”, “R. Camarative”, “ITACOATIASARA” e “B. da Treicam”¹¹. De acordo com Castelo Branco, o rio São Miguel acha-se a 4’30”, a ponta Primeira a 4’50”, a baía das Tartarugas, próximo a 5’, Tabatinga a 5’35”, “Itacoatisara” a 6’e baía da Traição a 6’20”, situações essas não mui longe das verdadeiras. Apenas o “Camarative”, que deve ser o atual Camaratiba, foi transferido para o norte de Itacoatisara que corresponde, na disposição de Gabriel Soares, a **Ponta da Pipa**, quando deveria ficar ao sul.¹²

No Mapa de Jacques de Vaudeclaye, feito em Dieppe, em 1579, em maior escala do que os precedentes, com a costa norte-rio-grandense melhor traçada, antes de chegar a 7’ de latitude S., aparece o topônimo “Arapita” que lembra os antigos topônimos “Oratapipy”, “Oratapic”, “Oratapica”, “Orapi”, “Ora tapia”, correspondentes às terras da atual **Praia da Pipa**, enquanto que no “Tratado Descritivo do Brasil”, de 1587, com grandes informações de toda a costa, começando pela “Angra de S. Roque”, indo para o sul, até Santo Amaro, Gabriel Soares de Sousa listou dezenove topônimos, dentre os quais o “Itacoatigara”, grafado corretamente, em 1626, por Albernaz, e em 1592, no Mapa de Theodoro de Bry, reapareceu, como já registrado em vários outros cartógrafos, o topônimo “Ora”.

Para Castelo Branco, os portugueses pouco conheciam as nossas costas, de início, apenas alguns nomes. Os primeiros topônimos indígenas surgiram nos mapas dos Reinel, lembrados cinco a sete lustros mais tarde, por Jean Rotz e Descaliers. Já se estava iniciando a segunda metade do século e o contato com os gentios pouco transparecia nos mapas. “Para o norte do Potengi, o vocabulário mantinha-se europeu e ao sul apenas duas palavras tupis surgiram esporadicamente, desde os Reinel: “Oratapipy”, “Ora tapia”, “Oratapic”, “Oratapica” e “Ora pinhon”, correspondendo às pontas da Pipa e de Bacopari, segundo a interpretação de alguns estudiosos e a posição dessas línguas na terra”.¹³ Diogo Homem, em 1558, apareceu invertendo a ordem já estabeleci-

¹¹ Idem, idem, 39.

¹² Idem, idem, idem.

¹³ Castelo Branco, Idem, p. 49.

da pelos cartógrafos anteriores e grafou do Norte para o Sul, “Orapi” e “Oratapica” e, logo depois, Mercator, em 1569, e Ortelz, em 1570, reduzem todos os topônimos referentes às terras da atual “Praia da Pipa” ao topônimo “Ora”.

No início do século XVII, as terras do Rio Grande encontravam-se mais enriquecidas de topônimos. Alguns episódios importantes contribuíram para tal enriquecimento, como a construção da Fortaleza da Barra do Rio Grande ou Forte dos Reis Magos, a fundação da Cidade do Natal, a concessão das sesmarias, o início do povoamento, a exploração de engenhos, de madeiras, etc. Já no primeiro decênio, apareceram os mapas de Willwm Jansz Blaeu, de 1605, onde o autor consignou o topônimo “Tocoati”, entre a “B. Parcelada” e “Orataphica” que talvez, segundo Castelo Branco, “corresponda a “Itacoatisara”, do Mapa de Luiz Teixeira, de 1574, “Itacoatigara”, do “Roteiro” de Gabriel Soares, de 1587 e “Itacoytiaca” do Mapa de João Teixeira de Albernaz, de 1631.¹⁴

Como podemos perceber e aceitando a opinião de Castelo Branco, subtraindo-se o “I” inicial e as desinências “sara”, “gara” e “aca” sobeja a palavra “Itacoyti” ou “Itacoati”, muito aproximada de “Tocoati” grafada pelo flamengo Blaeu, que, como os seus compatriotas, alterava constantemente a prosódia e a ortografia adotadas pelos lusitanos.

O “Novus Brasiliae Typus”, gravado pelo holandês Jodocus Hondius, por volta de 1625, cujo clichê foi adquirido, posteriormente, por Blaeu, que substituiu o nome do gravador pelo seu, ao longo do litoral, o autor assinalou entre as dezenas de nomes de acidentes geográficos, sempre em Português, o topônimo “Ponta da Pipa”. O topônimo “Itacoatiara” surgiu nos Atlas de 1626, de 1631 e de 1642, numa ponta entre “Barreiras Vermelhas” e o “Marco Antigo”; e “Itacoagara”, no de 1627, entre as “Barreiras Vermelhas” e a “Ponta de Caysa” ou “Ponta de Calsa”.

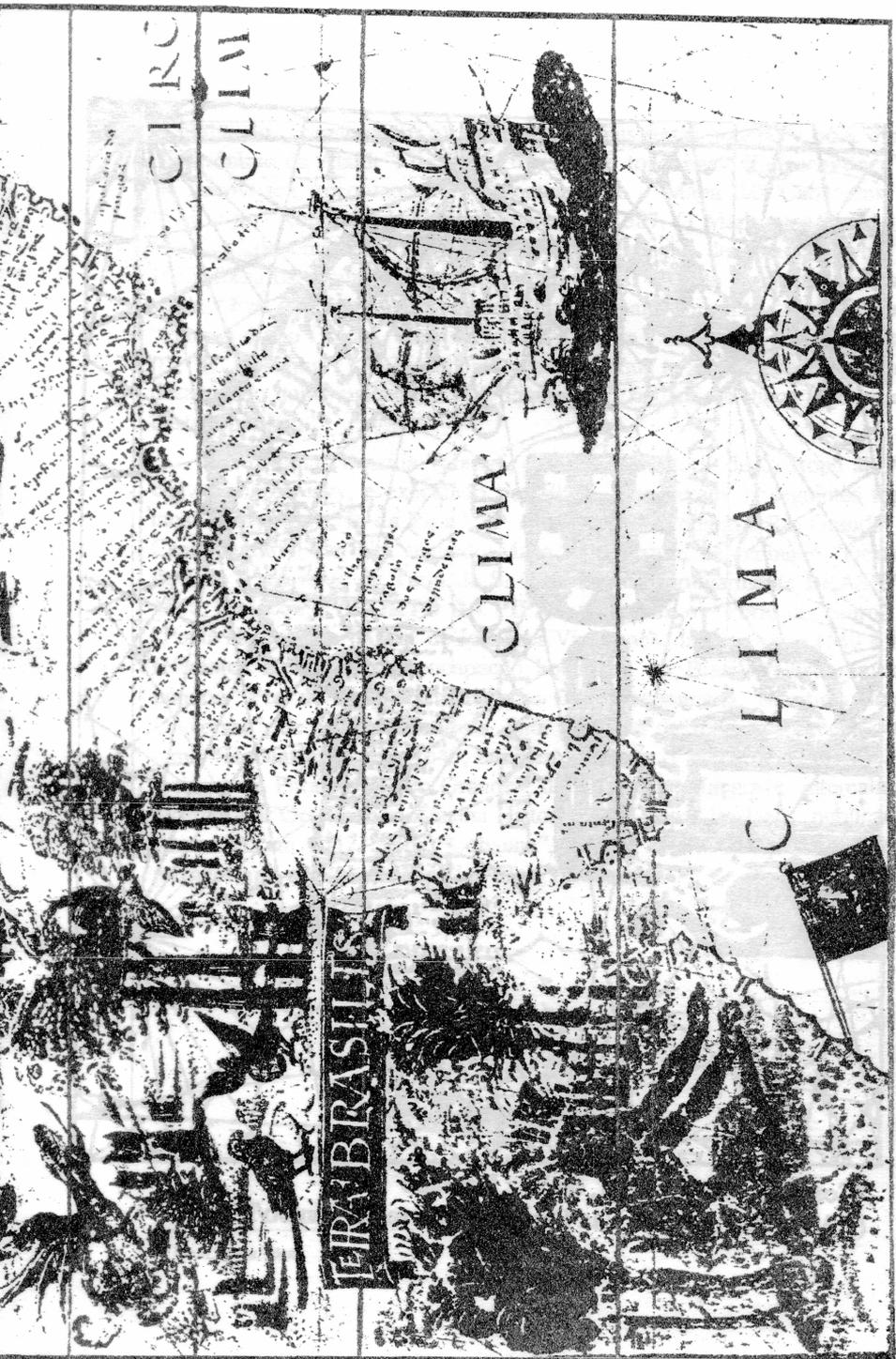
Em 1631, surgiram vários mapas. Guiljemus Blaeuw publicou um “Atlas”, baseado em A. Ortelz ou Ortelli e Mercator, em que se vê no mapa denominado “America Nova Tabula”, os acidentes geográficos dispostos na seguinte ordem: “R. de lande”, no lugar de Rio Grande, tendo ao Sul, “R. Primeiro”, “Orothapica” e ao Norte “S. Maria R.”, “R. del Placel”, “C. Blanco”, “C. Pracel”, “R. dacuiz” e “R. dos ”Fumos”.¹⁵ João Teixeira Albernaz, no Ma-

¹⁴ Idem, O Rio Grande do Norte na Cartografia do século XVII, in Rev. do IHGRN, vols. XLVIII-XLIX, de 1951 a 1952, p. 31

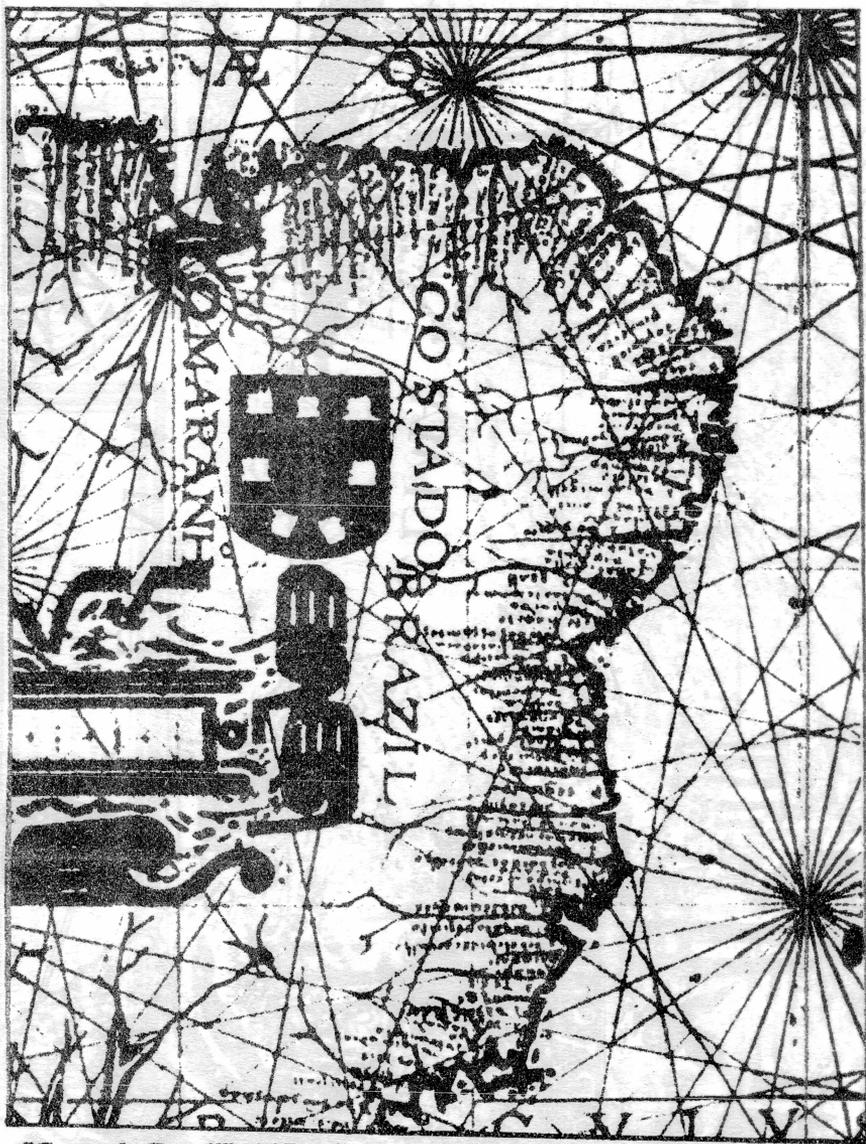
¹⁵ Idem, idem, p. 50.



"Nova et Accurata Tabula", 1605, de W. Jansz Blaeu.



"Terra Brasilia", 1519, de Lopo Homem. ("Atlas de Miller". Biblioteca Nacional - Paris)



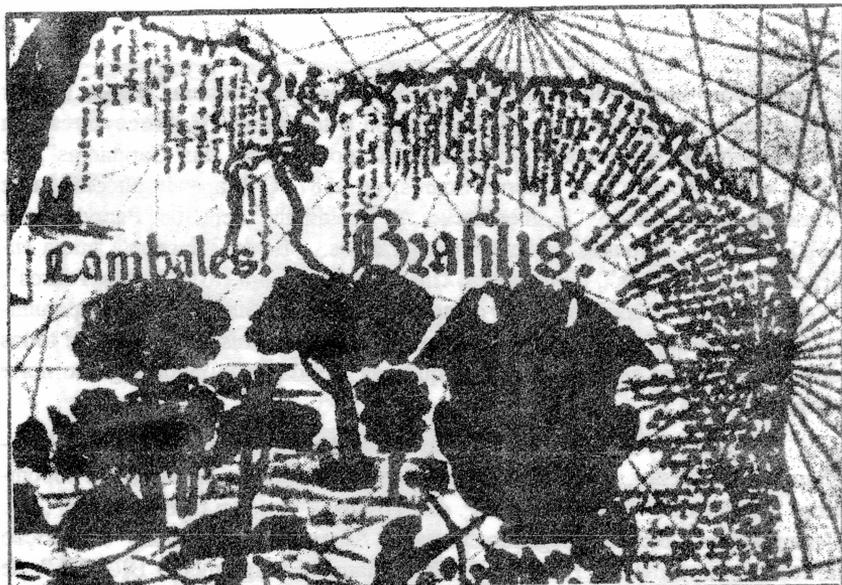
"Costa do Brasil", 1571, de Vaz Dourado
("Atlas de Fernando Vaz Dourado". Torre do Tombo/Lisboa)

pa intitulado “Estado do Brasil coligido das mais sertas notícias q pode ajuntar Dô Jerônimo de Ataíde”, de 1631, registrou o topônimo “**R. Itacoytiaca**” ou “R Itacoytiaca, recordando a “Itacoatiara” do “Mapa das Capitanias”, de 1574, e do “Roteiro”, de Gabriel Soares, de 1587. O Mapa de Nicolas Ianfz Visscher, denominado “Eyghentlijcke Af beeldinghe der Star Parayba”, de 1635, fixou os seguintes acidentes topográficos: “B. da Treicaon”, numa enseada, “**Pta. da Pipa**”, numa angra, “Insa Tambaiti”, um rio, “P. dos Touros”, “Potengi ó Rio Grãde”, sinal de cidade à direita, “R. Siara”, “R. Senapatumiri”, “R. Iacuahug”, “R. Jacuãhug”, maior este que os dois precedentes e todos desaguando numa enseada; e “R. Piquitinga”, findando o mapa logo ao norte deste topônimo.¹⁶

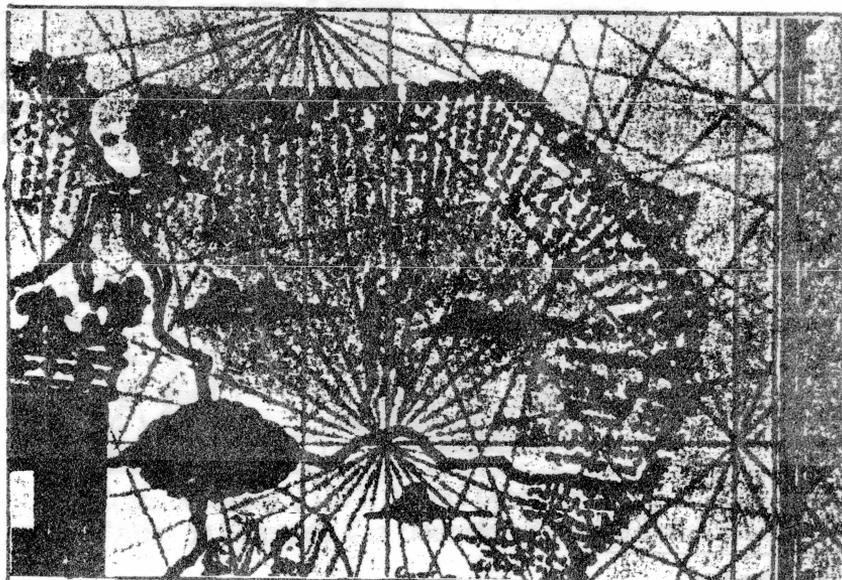
No Mapa “*Brazilia Tabula*”, de 1634, da autoria de Cristoph ab Artischav Arciszewesky, e executado por Blaeu, apareceram os seguintes topônimos: “Goyjena”, “**P. da Pipa**”, “P. dos Touros”, “Potengi ó Rio Grande”, “R. Cenapohimiri”, etc. Um segundo Mapa de Albernaz, denominado “*Descrição de todo o marítimo da Terra de S. Cruz chamado vulgarmente BRASIL*”, de 1640, deslocou o “**PORTO DA PIPA**” para entre o “Porto do Touro” e a “Ponta Negra”. Os “Atlas” de Joahanes Vingboons, datados entre 1640 e 1654, referentes ao período da ocupação holandesa no Brasil, registraram o topônimo “**Pta. do Pippa**”, enquanto na Carta denominada “*Maritima Brasiliae Universae*”, de origem holandesa, feita por volta de 1643, reapareceu o topônimo “**Itacoatiara**”. Em 1643, também apareceu o Mapa denominado “*Prefecturae de Paraíba, et Rio Grande*”, da autoria de Macgrave, intercalado no “*Rerum Per Octenium in Brasilia Historia*”, de Gaspar Barlaeus, publicado em Amsterdã, em 1647. Após “Cobauna”, o autor inseriu o topônimo “**Tapuya paraçoitapa ou Pta. da Pipa**” e “**Ens. Itacoatiara**”.



¹⁶ Idem, idem, idem.



"América Meridional", 1558, de Diogo Homem
("Atlas de Diogo Homem". Museu Britânico - Londres)



"America Mundus Novus", 1573, de Vaz Dourado.
("Atlas de Fernando Vaz Dourado". Museu Britânico - Londres)

CONCLUSÕES:

As terras da atual **“Praia da Pipa”** foram, inicialmente, conhecidas dos portugueses, através das explorações realizadas entre 1505 e 1515. As primeiras notícias encontram-se nas Cartas Geográficas dos Reinel, pai e filho, executadas em 1516, sob os topônimos **“Oratapipy”**, do Reinel pai e **“Ora tapia”**, do Reinel filho, ainda no primeiro decênio do descobrimento do Brasil.

No século XVI, nos deparamos com diversos topônimos, os quais tentamos classificar, apenas, em dois grupos: 1) **“ora”, “ara”, “ta”, “pipy”, “pia”, “pic”, “pica”, “pi”, “pita”, “tapia”**; 2) **“Itacoatisara”** e **“Itacoatigara”**. No século XVII, apesar do grande número de repetições dos topônimos grafados no século dezesseis, tentamos classificá-los também em dois grupos: 1) grupo dos topônimos repetidos: a) **“Orataphica”** e **“Orothapica”**; b) **“Itacoatiara”, “Itacoatigara”, “Itacoatiaca”** e **“Itacoytiaca”**; 2) **“Pta. da Pipa”, “P. da Pipa”, “Pta. do Pippa”** e **“Ponta da Pipa”**.

Como podemos perceber, ocorreram alterações constantes, tanto na ortografia, quanto na prosódia em todos os topônimos, devido a diversos fatores, principalmente às dificuldades encontradas nos primeiros contatos entre os indígenas e os vários cartógrafos de nacionalidades diferentes, como os portugueses, os franceses, os espanhóis, os holandeses, etc.

Os topônimos **“Tapuya paraçoitapa”** ou **“Pta. da Pipa”**, de Macgrave, referem-se às duas pedras que se destacavam em toda a orla marítima das terras de Praia da Pipa: a **“Itapuiaracaitaba”**, e a **“Itacoatiara”**, atualmente conhecidas como a **“Pedra do Moleque”** e a **“Pedra de São Sebastião”**, respectivamente. Para os indígenas, a **“Itacoatiara”** era **“A Pedra mais bonita”** ou **“A Pedra Bonita”** ou **“A Principal Pedra de cor amarelada”**; para Jodocus Hondius, em seu mapa de 1625, simplesmente **“Pipa”**.

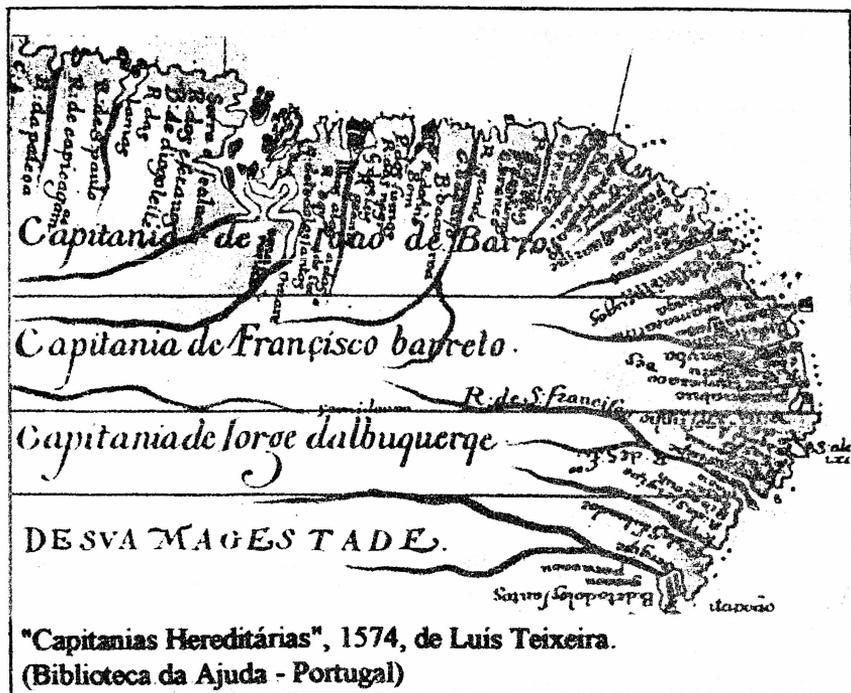
Nos dois séculos, encontramos vinte e nove **“Mapas”**, **“Cartas Geográficas”** ou **“Atlas”** que assinalaram os diversos topônimos referentes à **“Praia da Pipa”**, desde os Reinel, nas Cartas executadas em 1516, até Joahanes Vingboons, com os seus **“Atlas”**, datados entre 1640 e 1654:

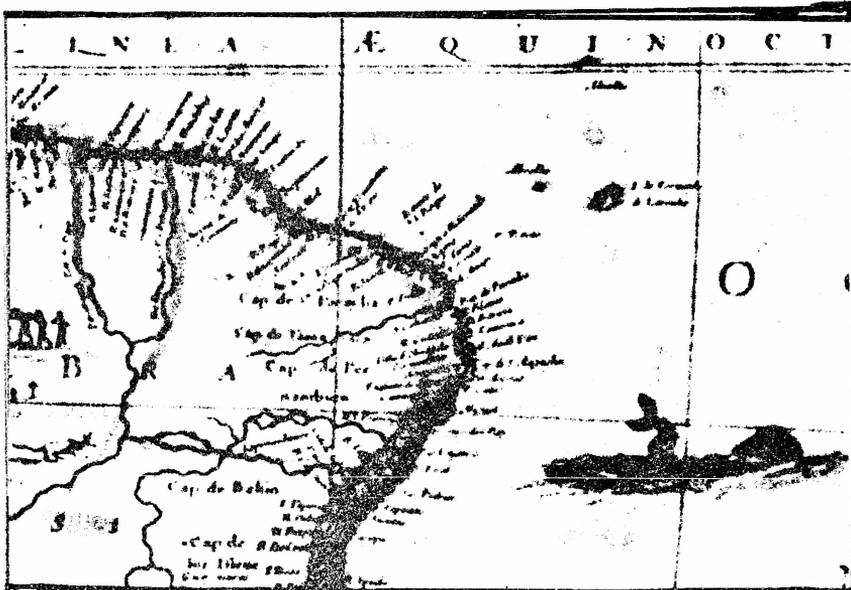
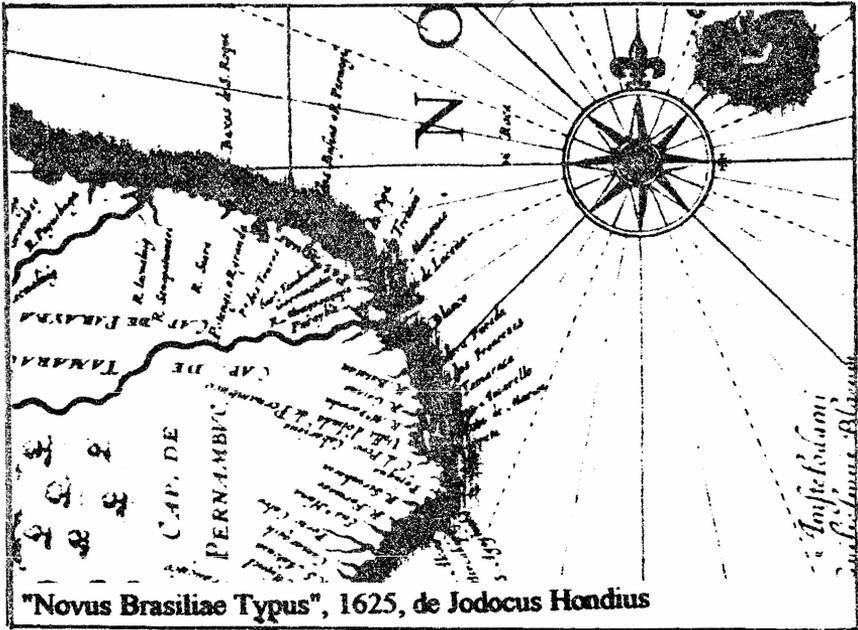
- 01) 1516: “**ORATAPIPY**” (Mapa de Reinel, pai: 1505 a 1515);
- 02) 1516: “Ora tapia” (Mapa de Reinel, filho: 1505 a 1515);
- 03) 1519: “Oratapipy” (Mapa de Lopo Homem);
- 04) 1542: “Oratapic” (Mapa de Jean Rotz);
- 05) 1550: “Oracapica” (Mapa de Pierre Descaliers);
- 06) 1558: “Oratapica” (Primeiro Mapa de Diogo Homem);
- 07) 1558: “Orapi” (Segundo Mapa de Diogo Homem);
- 08) 1569: “Ora” (Mapa de Gerardus Mercator ou Cremer);
- 09) 1570: “Ora” (Mapa de Abraham Ortelz ou Orтели: 1570 a 1584);
- 10) 1574: “Itacoatisara” (Mapa de Luiz Teixeira);
- 11) 1579: “Arapita” (Mapa de Jacques de Vandeclaye);
- 12) 1587: “Itacoatigara” (“Roteiro” de Gabriel Soares de Sousa);
- 13) 1592: “Ora” (Mapa de Theodoro de Bry);
- 14) 1605: “Orataphica” (Mapa de W. Iansz Blaeu);
- 15) 1605: “Tocoati” (Mapa de W. Iansz Blaeu);
- 16) 1625: “**PONTA DA PIPA**” (Mapa de Jodocus Hondius);
- 17) 1626: “Itacoatiara” (“Atlas” de Albermaz - 1);
- 18) 1627: “Itacoagara” (“Atlas” de Albermaz - 2);
- 19) 1631: “Itacoatiara” (“Atlas” de Albermaz - 3);
- 20) 1631: “Itacoytiaca” (Mapa de Albermaz);
- 21) 1631: “Orothapica” (Mapa de Blaeuw);
- 22) 1634: “P. da Pipa” (Mapa de Arciszewesky);
- 23) 1635: “Pta. da Pipa” (Mapa de Visscher);
- 24) 1640: “Ponta da Pipa” (“Atlas” de Vingboons: 1640 a 1654);
- 25) 1640: “Porto da Pipa” (Mapa de Albermaz);
- 26) 1642: “Itacoatiara” (“Atlas” de Albermaz);
- 27) 1643: “Itacoatiara” (Carta “Maritima Brasiliae Universae”);
- 28) 1643: “Tapuya paraçoitapa ou Pta. da Pipa” (Mapa de Macgrave);
- 29) 1643: “Ens. Itacoatiara” (Mapa de Macgrave).

Com referência ao topônimo “Oratapipy” e as suas alterações, não encontramos, ainda, claramente, o seu significado. O termo “Ora”, na Língua Tupi significa claridade, dia; a palavra “Ta”, Aldeia, mas quando constituem a palavra “Orata”, esta passa a significar “nome de homem”, e “tapia”, homem, mano. Portanto, supomos que “Oratapipy” significava “Aldeia do Homem Branco”.

A palavra “Itacoatiara”, constituída pelos termos “Ita”, pedra, “coa”, cor amarelada e “tiara” ou “ti” e “ara”, principal, grande, clara, embora sempre traduzida pelos estudiosos da língua Tupi-guarani como “pedra com inscrições

rupestres”, concluímos que, de acordo com estudos mais apurados e pelo conhecimento que temos da nossa “Itacoatiara”, melhor seria traduzi-la como “A principal Pedra de Cor Amarelada” ou “A Pedra Bonita” ou “A Pedra mais Bonita”. A “Itaipuaraceitaba”, composta por cinco palavras da língua Tupi-guarani, “Ita”, pedra, “Pui”, delgada, fina, em folhetos, “Para”, mar, oceano, “Ceí”, inclinada, inclinação e “Taba”, Aldeia. “Itapui” significa “a pedra delgada, fina, em folhetos”; “Itaipuipara”, “a pedra delgada, fina, em folhetos, inclinada”; “Itaipuaracei”, “a pedra delgada, fina, em folhetos, inclinada para o mar” e, “Itaipuaraceitaba”, “A Aldeia da pedra delgada, fina, em folhetos, inclinada para o mar”. E, finalmente, “Pipa”, simplesmente por ter a configuração de uma “pipa” (vasilha de madeira para vinho e outros líquidos).





BIBLIOGRAFIA

- 01) BORDONI, Orlando
Dicionário. A Língua Tupi na Geografia do Brasil. Campinas [Muto]; BANESTADO [Paraná], [s.d.]. 803p.
- 02) CASCUDO, Luís da Câmara.
História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: MEC, 1955.
- 03) CASCUDO, Luís da Câmara.
Nomes da Terra. História, Geografia e Toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1968.
- 04) CASTELO BRANCO, José Moreira Brandão
O Rio Grande do Norte na Cartografia do século XVI. (Conferência de 22.10.1942, no IHGRN), in Revista do IHGRN, 45-47: 21-50, 1948 a 1950. Natal: Galhardo, 1950.
- 05) CASTELO BRANCO, José Moreira Brandão
O Rio Grande do Norte na Cartografia do século XVII, in Revista do IHGRN, 48-49: 27-68, 1951 a 1952. Natal: Galhardo, 1952.
- 06) GALVÃO, Hélio Mamede
História da Fortaleza da Barra do Rio Grande. Rio de Janeiro: CFC/ MEC, 1979.
- 07) LYRA, Augusto Tavares de
História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1921.
- 08) Mapas Históricos Brasileiros. São Paulo: Abril Cultural, 1969. [Coleção: Grandes Personagens da Nossa História].
- 09) MEDEIROS, Tarcísio [da Natividade]
Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte. Natal: Imprensa Universitária, 1973.
- 10) MEDEIROS, Tarcísio [da Natividade]
Proto-História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Presença [Natal]: Fundação José Augusto, 1985.
- 11) POMPEU SOBRINHO, Thomaz
Proto-História Cearense. 2a. edição. Fortaleza: UFC, 1980.
- 12) TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas
Dicionário Guarani-Português. [São Paulo]: Traço, 1989. 147p.
- 13) VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (Visconde de Porto Seguro)
História Geral do Brasil. Antes da sua separação e independência de Portugal. Tomo I. 9a. edição/8a. edição integral. São Paulo: INL/MEC/ Melhoramentos, 1975.



A CAPITANIA DE RIO GRANDE



1643, de Macgrave.



Alcova fazenda guerra, servendo de um outro lateral referenda

“Mapas”, “Cartas Geográficas” ou “Atlas” sobre Praia da Pipa:

- 01) 1516: “**ORATAPIPY**” (Mapa de Reinell, pai: 1505 a 1515);
- 02) 1516: “Ora tapia” (Mapa de Reinell, filho: 1505 a 1515);
- 03) 1519: “Oratapiy” (Mapa de Lopo Homem);
- 04) 1542: “Oratapic” (Mapa de Jean Rotz);
- 05) 1550: “Oracapica” (Mapa de Pierre Descaliers);
- 06) 1558: “Oratapica” (Primeiro Mapa de Diogo Homem);
- 07) 1558: “Orapi” (Segundo Mapa de Diogo Homem);
- 08) 1569: “Ora” (Mapa de Gerardus Mercator ou Cremer);
- 09) 1570: “Ora” (Mapa de Abraham Ortelius ou Ortelius: 1570 a 1584);
- 10) 1574: “Itacoatisara” (Mapa de Luiz Teixeira);
- 11) 1579: “Arapita” (Mapa de Jacques de Vandeclaye);
- 12) 1587: “Itacoatigara” (“Roteiro” de Gabriel Soares de Sousa);
- 13) 1592: “Ora” (Mapa de Theodoro de Bry);
- 14) 1605: “Orataphica” (Mapa de W. Iansz Blaeu);
- 15) 1605: “Tocoati” (Mapa de W. Iansz Blaeu);
- 16) 1625: “**PONTA DA PIPA**” (Mapa de Jodocus Hondius);
- 17) 1626: “Itacoatiara” (“Atlas” de Albermar - 1);
- 18) 1627: “Itacoagara” (“Atlas” de Albermar - 2);
- 19) 1631: “Itacoatiara” (“Atlas” de Albermar - 3);
- 20) 1631: “Itacoatiara” (Mapa de Albermar);
- 21) 1631: “Orothapica” (Mapa de Blaeuw);
- 22) 1634: “P. da Pipa” (Mapa de Arciszewesky);
- 23) 1635: “Pta. da Pipa” (Mapa de Visscher);
- 24) 1640: “Ponta da Pipa” (“Atlas” de Vingboons: 1640 a 1654);
- 25) 1640: “Porto da Pipa” (Mapa de Albermar);
- 26) 1642: “Itacoatiara” (“Atlas” de Albermar);
- 27) 1643: “Itacoatiara” (Carta “Maritima Brasiliae Universae”);
- 28) 1643: “Tapuya paraçotapa ou Pta. da Pipa” (Mapa de Macgrave);
- 29) 1643: “Ens. Itacoatiara” (Mapa de Macgrave).